

UMA SINGULAR NARRATIVA INSULAR: Ilha Grande Fechada, de Daniel de Sá

Clique nas imagens para ampliar

Autor(a): Maria Eunice Moreira | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

Tema: Língua e Literatura

Subtema: Literatura Açoriana

Referência geográfica do conteúdo: Ponta Delgada, Portugal

Data de publicação: 21/10/2008

Referência da Primeira Publicação:

Mar Horizonte. Porto Alegre: Edipucrs, 2008

Línguas disponíveis: Português



O escritor Daniel de Sá.

RESUMO

Análise literária da obra *Ilha grande fechada*, de Daniel de Sá.

Ilha grande fechada realiza-se como mito da criação por excelência. Pela palavra do narrador, demiurgo do mundo criado nesse romance, surge o cosmos em que habita o ilhéu. O processo é idêntico ao da criação maior, a criação do mundo, quando a divindade, através de seu gesto, mas sobretudo pela sua palavra, instituiu todas as realidades e todas as possibilidades. O homem que nasce nesse espaço com ele se identifica e dele retira suas forças para habitar a terra e para nela viver. O afastamento de sua origem significa, para ele, a ruptura com seu espaço primevo e como consequência, a perda de sua identidade.

CONTEÚDO

*Deve haver um povo (deve haver uma língua)
que diga paz ou casa quando diz ilha.*



Romeiros da Quaresma. Ilha de São Miguel.

Situado praticamente no meio do Atlântico, rodeado de água e céu por todos os lados, e distante do continente português do qual faz parte por mil e duzentos quilômetros, o arquipélago dos Açores ocupa um espaço singular na geografia do lado de cá do mundo. Vivendo sob a contingência do isolamento, ou sob o sentimento da insularidade, é comum que entre os habitantes mais velhos nenhum tenha saído desse pedaço de terra, tendo desenrolado sua existência no pequeno círculo de alguma das nove ilhas que compõem o arquipélago. Nuvens, céu, mar e distância constituem assim a identidade do ilhéu, o que torna a ilha onde habita - também ela distante das outras ilhas - o espaço de fundação do homem e espaço de escrita de sua passagem pela vida.

Imerso nessa geografia tão especial, em que o sentido da terra toma outro vulto, dada a dimensão do isolamento, o homem açoriano divide-se entre o querer ficar e a iminência da partida como forma de resolver os problemas de subsistência que não encontra mais na ilha. O significado dessa geografia foi expresso pelo escritor Vitorino Nemésio, quando disse: "a geografia, para nós, vale tanto quanto a história" (1).

A geografia que poderia ter desfavorecido qualquer pretensão para a escrita e, em especial para a escrita literária, tem motivado os escritores açorianos a exercitarem a língua de Camões, desde praticamente a descoberta do continente. No século XVI, Gaspar Frutuoso publicou *Saudades da terra*, abrindo a história da literatura nas Ilhas. Desde então, mas especialmente na contemporaneidade, a literatura dos Açores tem mostrado seu vigor, o que pode ser comprovado quantitativamente pelos escritores que de lá nos chegam e qualitativamente pela marca de uma produção literária múltipla, quer em gênero (poesia, drama e narrativa), quer na utilização de recursos formais inovadores.

Dentre os romances publicados nos últimos anos, interessa-me tratar aqui de *Ilha grande fechada*, de Daniel de Sá, publicado pelas Edições Salamandra, de Lisboa, em 1992, como quarto livro de Daniel Augusto Raposo de Sá (1944), natural de Maia, na ilha de São Miguel. Homem afeito às palavras, pois que atua como colaborador da imprensa regional e nacional, Daniel de Sá usava o pseudônimo Augusto de Vera Cruz, resultante de uma associação entre seu verdadeiro nome e uma das designações da ilha onde trabalhava. Antes de *Ilha grande fechada*, publicou, em ficção, *Gênese* (1982) *Sobre a verdade das coisas* (1985), *A longa espera* (1987), *O espólio* (1987), *Um Deus à beira da loucura* (1990) *E Deus teve medo de ser homem* (1997), *As duas cruzes do Império*: memórias da Inquisição (1999) e *A terra permitida* (2003).

Ilha grande fechada centra-se na história de João, um homem em peregrinação pela ilha de São Miguel, em cumprimento a uma promessa que fizera enquanto soldado da guerra colonial, em África: caso voltasse vivo à sua terra, cumpriria a penitência em agradecimento por sua salvação. A peregrinação é realizada às vésperas da partida para o Canadá, destino de tantos açorianos que para lá emigraram atrás de novas possibilidades de trabalho. Percorrer sua ilha, sobretudo em tempo santo, ou seja, tempo de Quaresma, cumpre-se como uma forma de desvendamento do espaço original e, ao mesmo tempo, como a última oportunidade para a absorção da força da terra, antes da ida para um novo espaço, desconhecido e inexplorado.

A narrativa distribui-se em nove capítulos, como nove são os dias de novena. Os capítulos intitulam-se, assim, Primeiro dia, Segundo dia, Terceiro dia, Quarto dia, Quinto dia, Sexto dia, Sétimo Dia, Oitavo dia e Nono dia. No entanto, essa simetria apresenta algumas quebras, que rompem com a aparente linearidade dos capítulos: os seis primeiros capítulos têm uma estrutura bipartida, isto é, composta por duas partes: a primeira, não tem título; a segunda, retira seu título de um romance açoriano; os três últimos capítulos abandonam a estrutura bipartida e se desenvolvem em um único bloco (2).

Resumidamente, observa-se a seguinte estrutura do romance de Daniel de Sá:

- Primeiro dia
 - 1ª. Parte - sem título
 - 2ª. Parte - Lugar de massacre
- Segundo dia
 - 1ª. Parte - sem título
 - 2ª. Parte - Gente feliz com lágrimas
- Terceiro dia
 - 1ª. Parte - sem título
 - 2ª. Parte - Uma pedra no sapato
- Quarto dia